

9. O desejo é uma resposta

“Como o abismo chama outro abismo, ao fragor de vossas cascatas” (Sl 41, 8).

Em nós o desejo é sempre uma resposta, porque Deus nos chama a si desde quando nos cria. Desejamos porque somos chamados, porque há uma voz que nos chama e torna a chamar, uma voz que muitas vezes é “o sussurro de uma brisa suave” (1Rs 19, 12), ou, exatamente, “fragor de cascatas”. Mas sempre esta voz chama a resposta do desejo; sempre esta voz suscita, se percebida, o eco do abismo do nosso desejo. Um desejo que se eleva em nós, como uma chama que se acende, ou, melhor, que se reaviva, reatizada por um sopro de vento. O desejo que sobe do coração humano, como as notas do *Sicut cervus* de Palestrina, é uma resposta e, portanto, é sempre desejo de alguém, resposta a alguém que nos chama.

Um desejo que, ao contrário, se se dispersasse em vago sentimento romântico e melancólico seria como uma resposta que se perde no vento, como cantava Bob Dylan: “*The answer, my friend, is blowin’ in the wind*”, uma resposta que não alcança aquele que, chamando-nos, nos apresentou a questão fundamental da nossa vida, criou o nosso coração como um apelo a Ele.

Um estudante compartilhou comigo uma estupenda poesia do poeta italiano Giorgio Caproni:

“Todos recebemos um dom. / Depois, não nos lembramos mais / nem de quem nem o que seja. / Somente, conservamos dele / – pungente e sem indulgência – / o espinho da nostalgia” (*Generalizzando*; de *Res amissa*, 1991).

Eis que, para não pararmos aí, numa nostalgia que nos atormenta como um espinho, para não nos fecharmos em uma melancólica tristeza que vive a falta sem desejar a plenitude, devemos partir novamente de um silêncio, de uma escuta, de um ouvido inclinado à voz do abismo do mistério de Deus que chama o abismo do mistério do nosso coração.

“Oxalá ouvísseis hoje a sua voz: ‘Não endureçais os corações como em Meriba, como em Massa, no deserto, aquele dia’” (Sl 94, 8). É o convite do salmo invitatório que, segundo a Regra de São Bento, deve abrir o Ofício divino de cada dia, entre a noite e a manhã. Cada dia é um renascimento se novamente despertamos o desejo que responde à voz do abismo de Deus que nos chama.

Não há pior maneira de começar o dia do que partir novamente da escuta de qualquer outra voz que não seja aquela do Mistério que nos chama a viver para estarmos com Ele. Quantas vezes nos despertamos escutando a voz das nossas preocupações, dos problemas que temos com os outros, ou escutando a voz da raiva por uma injustiça ou uma hostilidade que estamos sofrendo, ou a voz das nossas pretensões e ambições, ou das nossas ideias e convicções em conflito com as dos outros. Levantamo-nos, isto é, sem obediência, no sentido etimológico de *ob-audire*, ou seja, de “escutar diante de alguém”, de dar ouvidos a um Outro.

Despertamo-nos escutando a nós mesmos, em vez de despertarmos como a esposa do Cântico dos Cânticos:

“A voz do meu amado! [...] / Fala o meu amado, e me diz: / “[...] Levanta, minha amada, / formosa minha, vem a mim! / Pomba minha, / que se aninha nos vãos do rochedo,/

pela fenda dos barrancos... / Deixa-me ver tua face, / deixa-me ouvir tua voz, / pois tua face é tão formosa / e tão doce a tua voz!” (Ct 2, 8-14).

Como seria bom poder acordar assim todas as manhãs, escutando a voz de Jesus que nos promete a beleza de tudo, contanto que o escutemos, o acolhamos, o sigamos! Como seria bom abandonar-se ao desejo ardente de Deus, que deseja que o escutemos, que estejamos com todo o nosso ser diante d’Ele, que nos chama!

Nós estamos escondidos nas fendas rochosas nas quais vem a encontrar-se toda vida humana dobrada sobre si mesma. Lá fora nos chama um Amor infinito, uma paixão louca por nós, por relacionar-se conosco, um desejo ardente de escutar a nossa voz e de contemplar a nossa face; um Amor que, por ser o Amor d’Aquele que nos cria, é para nós como uma luz que faria ressoar plenamente a suavidade da nossa voz, isto é, como nos expressamos, e resplandecer plenamente a verdadeira beleza do nosso rosto, isto é, como estamos diante d’Ele e diante de todos e de tudo.

Penso nos jovens que, no terrível incêndio de primeiro de janeiro em Crans Montana, na Suíça, perderam o seu rosto, a beleza do seu rosto. Perderam o rosto e as mãos, aquilo que visualmente define uma pessoa diante dos outros. Quanto é importante rezar para que estes jovens descubram que o nosso verdadeiro rosto não é aquele que vemos no espelho, mas está escondido no olhar de Deus sobre nós, no olhar amoroso do Pai sobre nós. É aquilo que nós, monges e monjas, deveríamos descobrir, viver e testemunhar primeiro e todos os dias, para sermos um sinal de contradição, cheio de proposta positiva, neste mundo narcisista em que cada um define a si mesmo somente diante do espelho.

Justamente como reza o refrão dos salmos 41 e 42: “Por que te entristeces, minha alma, e te inquietas dentro de mim? Espera em Deus, eu ainda o louvarei, a salvação da minha face e meu Deus!” (Sl 41, 6.12; 42, 5).

Se responder ao seu chamado, à nossa vocação, não é isto, não é assim, a que serve? A que serve à minha humanidade seguir uma vocação, qualquer que seja ela, à virgindade ou ao matrimônio, ou a outra coisa, se o meu sim não é dado para permitir a Cristo fazer emergir em nós, entre nós e diante do mundo inteiro esta beleza, reflexo da Sua, a beleza que somos aos olhos do Seu amor, da Sua compaixão? A beleza que Cristo fez emergir em João, André, Pedro, em Madalena, na Samaritana, em Zaqueu e em todas as pessoas que encontrou.

Cada vez que rezamos o *Angelus* ou rezamos diante da imagem da Mãe de Deus, como se faz quando em todos os mosteiros cistercienses se canta todas as noites a *Salve Regina*, deveríamos pensar na correspondência cristalina de Nossa Senhora a esta paixão do Senhor por nós – não é por acaso que a Liturgia utiliza o Cântico dos Cânticos para venerar a Virgem Maria –, e deveríamos unir-nos à perfeição do seu “estar” diante d’Ele, para que, através da sua maternidade, o Espírito possa criar em nós o nosso verdadeiro rosto de filhos do Pai.